

O PROTESTO LÍRICO EM WALDO MOTTA¹

LYRICAL PROTEST IN WALDO MOTTA'S POETRY

Ricardo Alves dos Santos*

RESUMO: Este trabalho pretende destacar o protesto lírico do poeta contemporâneo Waldo Motta em *Bundo e outros poemas* (1996), em que a temática do negro e do excluído ganha forças poéticas, evidenciando o quanto essas ainda sobrevivem em tempos atuais. Para esta reflexão, autores como Stuart Hall, Homi Bhabha, bem como Iumna Simon, Silvano Santiago, Karl Erik Schollhammer, Claudia Nigro e o próprio Waldo Motta, em seus textos críticos, permitirão fundamentar como as dialéticas contemporâneas operam no discurso poético de nosso tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; Protesto; Marginalização; Contemporaneidade.

ABSTRACT: This paper aims to point out the lyrical protest of the contemporary poet Waldo Motta in his book *Bundo e outros poemas* (1996), in which the themes of blackness and social exclusion acquire a poetic force, proving they are still alive in present time. In order to think about these issues, authors such as Stuart Hall, Homi Bhabha, as well as Iumna Simon, Silvano Santiago, Karl Schollhammer, Claudia Nigro and Waldo Motta himself, in his critical writings, will give support to the thought on how dialectics operates in the poetic discourse of the present time.

KEYWORDS: Poetry; Protest; Marginalization; Contemporaneity.



contemporaneidade literária é marcada por um sujeito que busca sua posição no mundo, no qual o elemento subjetivo parece ser entrelaçado por questionamentos de aceitação dos paradigmas

¹ SANTOS, Ricardo Alves dos. O protesto lírico de Waldo Motta. *Estação Literária*, Londrina, v. 8, p. 54-64, dez. 2011. Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/25631/18652>>. Acesso em: 20 maio 2024.

* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

impostos pela vida moderna. Esta perspectiva requer do sujeito a necessidade de se posicionar em relação às circunstâncias que o seu tempo exige.

O posicionamento do sujeito na sociedade atual se constrói a partir das práticas sociais do indivíduo, o qual, do local cultural que está inserido, promove uma revitalização da maneira como os processos culturais são mantidos ou deslocados na formulação das estruturas de poder que fundam a história da humanidade.

Os estudos culturais², por apresentarem um caráter interdisciplinar, examinam a relação entre poder e práticas sociais e políticas, atentando para a complexidade envolvida no trato aos assuntos da ordem cultural. O objetivo principal desta corrente teórica, então, é reconciliar a divisão do conhecimento, para superar a fratura entre um conhecimento cultural "tácito" (periférico/marginal) e outro "objetivo" (universal/dominante).

Esta superação aponta para uma visão em que o sujeito, de alguma forma, terá que perseguir ao se deparar com as contradições que o homem contemporâneo ainda enfrenta na realidade: a exclusão social é o tema evocado para uma tentativa de melhorar a qualidade de vida de muitos cidadãos marginalizados. A literatura torna-se o instrumento de cisão pela qual "as rupturas significativas – em que velhas correntes do pensamento são rompidas, velhas considerações deslocadas, e elementos novos e velhos são reagrupados ao redor de uma nova gama de premissas e temas" (Hall 2009: 123).

Neste cenário de "ruptura", a poética de Waldo Motta³ pode ser avaliada como uma voz lírica que deixa ecoar ranços em uma sociedade que discrimina e exclui.

² O termo foi cunhado por Richard Hoggart em 1964, quando fundou o chamado Centro de Estudos Culturais contemporâneos ou CCCS (Centre for Contemporary Cultural Studies) em Birmingham. Na atualidade, Stuart Hall, que sucedeu a Hoggart, é o diretor do centro.

³ "A partir da publicação do livro *Recanto (poema das 7 letras)*, em 2002, troquei o V pelo W em meu nome, e passei a assinar minhas obras como Waldo Motta". Este posicionamento revelado no blog do próprio autor justifica a escolha da grafia do nome ao longo desta reflexão. [Disponível

Motta é um poeta capixaba, negro e homossexual que, em um universo de estudos autônomos, buscou em sua poética um espaço por onde a condição de excluído socialmente emergiria, elucidando sua postura marginal em relação às várias segregações perenizadas pela sociedade atual.

Iumna Simon (2004), em seu ensaio “Revelação e desencanto: a poesia de Waldo Motta”, atesta o quanto a poética de Motta revela um diálogo com o seu tempo, incorporando uma sensibilidade não verificada na postura marginal do contexto das primeiras experiências do autor, período em que a poesia marginal no Brasil apresentava uma postura antiliterária. Desta forma, o universo lírico de Motta seria uma tentativa sensível de se posicionar em relação a sua realidade marginalizada. Por Iumna,

[...] a figura do marginal, do bandido, do indigente foi idealizada a ponto de ser esvaziada de sua concretude social e equiparada à nova sensibilidade poética. Retomando uma formulação feita em outro lugar, tal identificação mostrava que à miséria popular eram atribuídas as mesmas posturas que o poeta assumiu: “a ignorância é curtida como anti-intelectualismo, a desclassificação social como transgressão pequeno-burguesa, a falta de perspectivas como negação do progresso. A desqualificação estilizada impõe seus pontos de vista e interpreta a outra, a social, à sua imagem e semelhança” (Simon 2004: 210).

O tom profético e transgressor do poeta Waldo Motta já é revelado no primeiro poema da obra *Bundo e outros poemas* (1996), intitulado “Descobrimentos”, no qual o sujeito lírico anuncia a sua chegada de maneira, no mínimo, inquietante, já que se direciona aos “Gênios perversos, bestas solertes,/ hostes medonhas, greis infernais”, sinalizando uma necessidade de protestar contra uma sociedade ainda “adormecida”:

DESCOBRIMENTOS

Aqui vou eu, bundo, pando,
ó país que almejo e canto,
terra desolada, bela adormecida,

em: <https://www.geocities.ws/waldomottapoeta/quemsou/quemsou.html>. Acesso em 10 outubro 2010.].

virgem por salvar!

Gênios perversos, bestas solertes,
hostes medonhas, greis infernais,
aqui vou eu, verbo em riste,
arredai!

Hidras, quimeras, anfisbenas, lâmias,
gorgonas, gárgulas, ogros, exus,
anhangás, humbabas,
abracadabra!

Eldorados, thules, surgas, agarthas,
cimérias, hespérias, pasárgadas, cólquidas,
xangrilás, cocanhas, saléns, guanániras,
reinos miríficos, mundos arcanos,
céus interditos, aqui estou eu!

Velocinos, tesouros,
manás, elixires,
graais, aqui eis!
(Motta 1996: 21).

O eu lírico, “bundo” e “pando”, dirige-se, primeiramente, ao seu país que almeja e canta, atestando também que sua “terra”, “bela” e “virgem”, está “adormecida” e “desolada” em relação ao que deseja proferir. Entretanto, a apóstrofe empregada pelo poeta na primeira estrofe do poema ganha contornos não apenas pessimistas: o país é “virgem por salvar”. Esta esperança revela que o eu poético busca uma mudança, uma transformação na mentalidade das “bestas solertes”, as quais exercem um poder de dominação e exclusão social, uma das temáticas trabalhadas na obra do poeta contemporâneo.

Para seu propósito provocador, serão convocadas entidades mitológicas que, de forma mais ou menos explícita, simbolizam o caráter diabólico e infernal da voz lírica, pela qual um discurso inflamado e de protesto idealiza mundos, “pasárgadas”, “reinos miríficos”. Aí “estou eu”, assim o poeta termina a quarta estrofe do poema, colocando-o em um espaço onde o maravilhoso, o mítico, o sobrenatural tecerão um confronto com ações pouco humanizadas da sociedade, criando um paraíso que destoa do universo de marginalização vivenciada em tempos atuais.

As várias enumerações verificadas no poema antecipam o quanto Waldo Motta se revela perseguidor das práticas que deixam sua pátria em “desolação”. Trazendo para seu labor poético o imperativo “arredai”, suscita uma voz que se impõe diante as perversidades e luta de maneira poética para encontrar os idílios reconfortantes (encadeados na 4ª estrofe), os quais serão reconstruídos a partir dos “descobrimientos” que sua condição excludente lhe conferiu.

O emprego de “hidras”, “quimeras”, “exus” colocam o mítico e o místico em harmonia com seu protesto, já que estes seres serão convidados para as reivindicações do artista, aterrorizando as bases que fundam e reiteram as diferenças através de contrários que não refletem o ímpar de cada cultura sem antes o comparar à cultura dominante. O poeta capixaba deita o sagrado em raízes culturais e promove uma subversão dos valores que engendram a postura conservadora e tradicional. A grandiloquência do poema “Descobrimientos” provoca o leitor, que, ao transpor as páginas subseqüentes, deparar-se-á com outro poema, intitulado “Preceituário para racistas com receita de rebuçado e contra-receita de angu”. Neste Waldo Motta faz seu alerta:

PRECEITUÁRIO PARA RACISTAS COM RECEITA DE REBUÇADO
E CONTRA-RECEITA DE ANGU

Ogun pá
Lele pá
Ogun pá
Koropá...

- canto afro

Quem atíça o tição
sabe do risco que corre,
sabe que ao bulir com fogo
é arriscado se queimar
é arriscado provocar
a ebulição de quanto
há tanto vem nos enchendo
o caldeirão da paciência.

Portanto, todo cuidado
é pouco quando se atíça

o tição, quando se bole
com o fogo, pelo risco
de transformar reбуçado
em ração para a racinha
ordinária dos racistas.

Quem atiga o tição
sabe muito bem do risco
de atear fogo em tudo,
sabe que, ao provocar
a ebulição da massa
é arriscado explodir
o angu em todo o mundo.

sabe que, súbito,
tudo, tudo pode ficar preto
& vermelho, como queiram,
num belíssimo incêndio inusitado.
Pois quem atiga o tição
atira mais lenha aos sonhos
que nos abrasam, braseiro
oculto sob o borralho
dessa vida borralheira.
(Motta 1996: 98-9).

O título do poema já sugere a ideia de uma normatização do eu lírico para evitar possíveis desavenças sociais. A ironia do autor fica evidente ao girar⁴ o sentido da palavra “angu”, que em sentido literal relaciona-se diretamente a um tipo de comida popular cujo ingrediente principal é a farinha de milho, de mandioca ou de arroz, mas que suscita outro sentido popular: o de bagunça, confusão, “rolo”. O poeta avisa aos racistas que seu “preceituário”, feito com muito esmero, é acompanhado de reбуçado (doce açúcarado) “contra-receita de angu”.

A condição de negro de Waldo Motta constrói uma voz lírica que necessita se pronunciar em oposição aos valores discriminatórios que ainda sobrevivem na sociedade brasileira dita cosmopolita e civilizada, agindo contrariamente ao processo de ocultação que Antonio Candido, no prefácio a *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, observa:

⁴ Esta palavra é empregada no sentido barthesiano, no qual a literatura teria a capacidade de “girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles: ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso” (Barthes 2002: 18).

(...) o nosso testemunho se torna registro da experiência de muitos, de todos que, pertencendo ao que se domina uma geração, julgam-se a princípios diferentes uns dos outros e vão, aos poucos, ficando tão iguais, que acabam desaparecendo como indivíduos (Candido *apud* Santiago 2004: 47).

O poeta Waldo Motta não desaparece como indivíduo, já que sua poesia constrói imagens que denunciam o valor dado à cultura afrodescendente no Brasil e no mundo. O alerta é dado: “Quem atíça o tição/ sabe do risco que corre” (Motta 1996: 98-9); o “tição”, neste contexto ambíguo, pode depreender um caráter diabólico e/ou marcar a condição de negro do eu poético que está com o seu “caldeirão da paciência” transbordando.

O protesto e a luta do poeta já se verificam na epígrafe do poema: Ogun, mito africano, deus da guerra, é convocado para sua causa. Esta referência coloca o discurso poético do autor em uma esfera, também, de exclusão, uma vez que a cultura religiosa do negro viveu e vive à margem das vertentes cristãs. Desde a abolição da escravatura no Brasil em 1888, o negro se vê ainda na periferia da estrutura social. No entanto, em tempos atuais, as “políticas culturais da diferença” permitem um deslocamento das disposições do poder não mais alicerçadas em dicotomias branco/preto, mas sim em repensar o branco e o preto, e não o branco ou preto, já que o ou reiteraria a exclusão. Nas palavras de Stuart Hall (2009: 320):

Dentro da cultura, a marginalidade, embora permaneça periférica em relação ao *mainstream*, nunca foi um espaço tão produtivo quanto é agora, e isso não é simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes, à ocupação dos de fora. É também resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural. Isso vale não somente para a raça, mas também para outras etnicidades marginalizadas, assim como o feminismo e as políticas sexuais no movimento de gays e lésbicas, como resultado de um novo tipo de política cultural.

A voz lírica do poema “Preceituário para racistas com receita de rebuçado e contra-receita de angu” revela-se engajada na luta pela cultura do negro, atentando para os riscos que o confronto entre “eticidades” pode promover,

ironizando que o “rebuçado” pode se transformar “em ração para a racinha/ordinária dos racistas”. O “braseiro” está “oculto”, mas não apagado. O tom de ameaça evidencia a atitude militante de Waldo Motta, o discurso se insinua e marca o tom de protesto.

A postura literária do poeta é um desabafo em relação à discriminação operante na contemporaneidade, trabalhado a partir de uma linguagem inflamada e ameaçadora: “Tudo pode ficar preto/ & vermelho, como queiram” (Motta 1996: 98-9). De certa forma, o diálogo com a atualidade se encerra: o racismo opera insistentemente; a exclusão, a discriminação ainda se mantém em outras “etnicidades marginalizadas”, vitimizando qualquer um para quem o sofrimento e a violência fazem parte de sua vida. Assim corrobora Claudia Maria Ceneviva Nigro (2010: 163): “Não é apenas do sofrimento racista que [ele] [fala], mas de como este sentimento racista atinge e se (trans) forma, individualmente, voltando, mais tarde, se o leitor o permitir, a retratar aquela comunidade”.

A ideia de retorno paira sobre as contradições que envolvem as questões sociais e culturais; assombra e aterroriza o homem moderno, o qual deve sempre lutar para o reconhecimento das especificidades de cada cultura. Os versos de Waldo ateam “fogo” nas práticas das ideologias dominantes e colaboram para manter vivas e resistentes as vozes dos indivíduos contrários aos fantasmas que ainda dividem e qualificam os homens em brancos, negros, gays, mulheres. A poesia do capixaba ressalta o quanto o percurso de marginalização social revela a face obscura da intolerância.

Outro aspecto relevante a ser destacado no poema “Preceituário para racistas com receita de rebuçado e contra-receita de angu” é a potência da voz enunciativa que, através do mito africano epigrafado, resgata a especificidade da cultura popular do negro, destacando o poder de transformação do projeto literário de Waldo Motta, já que Ogun é convocado para a guerra.

Este símbolo resgata a origem negra e marca sua diferença, deslocando assim as relações de poder. O negro (“tição”) não clama pelo Deus cristão, busca em divindades africanas a força para ressaltar sua diferença. Esta postura do poeta pode ser justificada pelas palavras de Karl Erik Schollhammer em seu artigo “Marginalidade: exclusão e identidade autoral”, parafraseando Spivak: “os subalternos precisariam se articular para inscrever sua especificidade subalterna dentro de uma identidade cultural dominante e, assim, deixar de ser subordinados” (Schollhammer 2010: 167). Stuart Hall inclina-se para a mesma reflexão de Schollhammer, quando destaca que:

O papel do ‘popular’ na cultura popular é o de fixar a autenticidade das formas populares, enraizando-as nas experiências das comunidades populares das quais elas retiram o seu vigor e nos permitindo vê-las como expressão de uma vida social subalterna específica, que resiste a ser constantemente reformulada enquanto baixa e periférica (Hall 2009: 323).

A “reformulação” poética de Motta confronta os paradigmas que orientam as bases dos estudos culturais. A situação periférica de sua postura e poesia apresenta uma ótica crítica e irônica, contrária às práticas sociais de discriminação que perduram na sociedade brasileira.

“No Brasil contemporâneo, a exclusão e a marginalização operam no centro da sociedade” (Schollhammer 2010: 168), o que implica outro protesto do poeta Waldo Motta: suas obras permanecem pouco acessíveis, seus poemas não atendem aos interesses editoriais. A militância artística do escritor se arrasta desde suas primeiras produções ainda nos anos de 1970, e o livro *Bundo e outros poemas* ironiza a contemporaneidade, ao revelar um sujeito-lírico que almeja tempos melhores, posicionando-se de maneira irônica e auto-irônica ao confrontar em sua poética a evolução de nossa democracia.

No poema “Religião”, num trabalho metalinguístico, Waldo revela sua salvação:

RELIGIÃO

A poesia é a minha
sacrossanta escritura,
cruzada evangélica
que deflagro deste púlpito.

Só ela me salvará
da guela do abismo.
Já não digo como ponte
que me religue
a algum distante céu,
mas como pinguela mesmo,
elo entre alheios eus.
(Motta 1996: 79)

A salvação do eu poético está na/pela poesia, a partir da “sacrossanta escritura” sua “cruzada evangélica” se deflagrará. Do “púlpito” de seus versos, o poeta se coloca em posição de destaque para que todos/leitores possam ouvir sua voz ardente e reveladora acerca dos conflitos e desajustes que o sujeito contemporâneo enfrenta. Ao mostrar seu olhar atento aos problemas culturais e sociais persistentes na história do homem, Waldo Motta atesta o quão contemporânea é sua veia poética.

O presente do poeta confronta-o e deixa emergir uma necessidade de pronunciar, a partir da letra/escrita, as contradições que cercam as relações de poder. Assim, ao mergulhar nas sombras de seu tempo, Motta se faz contemporâneo e militante, conferindo a sua poesia o espaço por onde a obscuridade de sua condição confrontará o esteio centralizador do poder e da cultura dominante.

A “cruzada evangélica” tem conotação de jornada literária, a qual se inicia pela “escritura”, sendo o poeta “capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente” e a “obscuridade” de seu tempo é iluminada pela poesia de seus versos, ao construir uma poética que, num contexto pós-moderno, exalta a luta contra os poderes da dominação, buscando um espaço social através de sua literatura.

Na segunda estrofe do poema “Religião”, o eu lírico apresenta um tom diferente do veiculado na primeira estrofe. Nesta a arrogância e a pretensão são construídas por meio de palavras semanticamente religiosas, enquanto nos últimos versos a ideia de salvação está ligada a uma “pinguela”, reduzindo seu labor poético, antes “sacrossanta escritura”. O heroísmo do poeta é abalado, sua “poesia” não é “ponte”, é uma “pinguela”, demonstrando a fragilidade de sua ligação com o “céu” e seus “alheios eus”.

Neste poema, evidencia-se a postura de Waldo Motta em tornar sua poesia uma espécie de religião que responde às prerrogativas das classes dominantes, as quais reafirmam as dialéticas de suas concepções e valores. Vale destacar que o poema “Religião” foi produzido anteriormente aos “Descobrimentos” e “Preceituário para racistas com receita de rebuçado e contra-receita de angu”, estando estes inseridos na sua obra Bundo, que apresenta a concretização do projeto evidenciado em “Religião” – a “escritura” neste é “sacrossanta” e por ela o “tição” fará suas provocações e seus protestos. O discurso poético de Waldo Motta assegura seu valor de modernidade, destacado por Homi Bhabha:

O novo ou o contemporâneo aparecem através do ato de cisão da modernidade como acontecimento e enunciação, época e cotidiano. A modernidade como signo do presente emerge nesse processo de cisão, nesse lapso, que dá à prática da vida cotidiana sua consistência como contemporânea. E porque o presente tem o valor de um "signo" que a modernidade é iterativa, um questionamento contínuo das condições da existência, tornando problemático seu próprio discurso não apenas "como ideias", mas como posição e status do locus do enunciado social (Bhabha 1998: 335, grifos do autor).

A poética de Waldo Motta, em Bundo e outros poemas, é “um questionamento contínuo das condições” de sua existência marginalizada, e esse aparato literário delinea o locus de onde sua voz emerge, em que a negritude de sua pele transformar-se á em motivo poético, do qual ecoará uma subjetividade marcada pelos paradigmas sociais contemporâneos.

A temática do negro e da cultura popular, em sua poesia, é trabalhada a partir de experiências concretas e materiais do poeta, destacando de onde o canto lírico busca sua força e contestação. A “consistência” dos versos de Waldo Motta está na sua realidade degradante, em que “a salvação do sujeito se colocam no plano mais realista de quem se situa na sociedade contemporânea e enuncia os conflitos subjetivos e desajustes existenciais representados por temas comuns à modernidade, tais como a solidão, carência, [...] falta de lugar” (Simon 2004: 214).

Esta “falta de lugar” no mundo tecnicista e moderno revela-nos o quanto o poeta almeja, a partir de sua lírica, o reconhecimento artístico e humanitário de uma sociedade estúpida e intolerante:

CÍRCULO DOS HORRORES

Mais quantas humanidades
ainda repassaremos?
Por orgulho e vaidade
destruímos tôdolos remos.
Agora que a água invade
a canoa, entendemos
que pode ser muito tarde.
Éta estupidez do demo!
Mais quantas humanidades
ainda repassaremos?
(Motta 1996: 91)

O “orgulho” e a “vaidade” são sentimentos humanos que desviam o olhar para as causas coletivas, destruindo os possíveis laços (“remos”) para navegar pelo mar da vida. A água invadiu a “canoa”. E o questionamento do eu poético persiste: “Mais quantas humanidades/ ainda repassaremos?”.

O ato de repassar incita um sentido de resgatar um passado de exclusão histórica. O negro da atualidade ainda busca uma “luz” para a obscuridade dos tratamentos sociais que o dominante lhe impingiu. A poesia de Waldo Motta lhe serve como salvação e religião, pela qual o poeta se manterá fiel aos seus valores, construídos a partir de sua militância contra a intransigência:

Da poesia, da imaginação poética, nasceram as grandes religiões, e as crenças se alimentam de poesia. No banquete messiânico, o pão e o vinho espiritual, que nos vêm dos céus interiores, é o verbo que se manifesta para saciar e alegrar os que têm fome e sede de justiça e verdade (Motta 2000: 69).

Pela palavra, o poeta sacia sua “sede” e sua “fome” por “justiça”, o que o leva a legitimar sua causa e dialogar com o presente, em que “o articulador, o artista ou o representante da realidade periférica pode ganhar uma via legítima para melhorar sua condição social [...]” (Schollhammer 2010: 170).

Por apresentar uma poética subversiva e inovadora, Waldo Motta permite traçar os paradigmas contemporâneos por meio de sua linguagem inflamada que, ao mesmo tempo, está em busca de reconhecimento social e artístico. A trajetória artística do poeta, iniciada no final dos anos de 1970, confirma um amadurecimento de sua técnica lírica, a qual, alicerçada em símbolos religiosos, deixa ecoar uma voz militante em busca de salvação.

Este trabalho do poeta, assim, está em consonância ao desabafo que a poética de Motta configura em relação às posturas conservadoras, e não menos arcaicas, para a manutenção das tradições, seja na esfera social ou artística. O livro *Bundo e outros poemas*, portanto, sintetiza um estado de sensibilidade, de “maestria e liberdade raro na produção atual” (Simon 2004: 210), promovendo uma revitalização para o discurso dos excluídos.

A marginalização da poesia de Waldo afeta a ideia de transposição de barreiras culturais tão enfatizadas em políticas públicas da diferença, as quais ironicamente buscam dar o local para as minorias se gesticularem e se fazerem ouvidas. Assim, o trabalho do poeta é a representação nítida do “círculo de horror” que ainda se instaura na sociedade moderna e contemporânea, revelando as contradições que norteiam os estudos literários brasileiros, os quais não deram conta da “especificidade histórica da nossa cultura”, como destaca Silviano Santiago:

É um modo de salientar não só o caráter periférico da produção cultural no país (e, por consequência, do intelectual que a representa), como também a condição subalterna da experiência brasileira e, ainda, a ignorância sobre a especificidade histórica da nossa cultura nacional [...] (Santiago 2004: 193).

Waldo Motta em seu projeto literário direciona sua lírica para um presente fantasmagórico das condições que o negro e outros discriminados enfrentam na dita democracia brasileira, alertando-nos para a necessária revisitação das condições subalternas que ofuscam a igualdade de direitos e de respeito sociais.

Referências:

- BHABHA, Homi. *O local da cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2002.
- HALL, Stuart. Que "negro" é esse na cultura negra? In: *Da diáspora: Identidade e mediações culturais*. Trad. Adelaide Resende et al. 1ª edição revisada. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009, p. 317-330.
- _____. Estudos culturais: dois paradigmas. In: *Da diáspora: Identidade e mediações culturais*. Trad. Adelaide Resende et al. 1ª edição revisada. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009, p. 123-150.
- MOTTA, Valdo. Enrabando o capetinha ou o dia em que Eros se fodeu. In: PEDROSA, Célia. *Mais poesia hoje*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000, p. 59- 76.
- _____. *Bundo e outros poemas*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1996.
- _____. (2010). *Quem sou*. Disponível em: <<http://www.geocities.ws/waldomottapoeta/quemsou/quemsou.html>>. Acesso em: 10 outubro 2010.
- NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva. Identidade em exclusão: As personagens femininas de Tony Morrison e Maya Angelou. In: LOPES, Luiz Paulo Moita & BASTOS, Liliana Cabral (Organizadores). *Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 151-166.
- SANTIAGO, Silviano. O cosmopolitismo do pobre. In: *O cosmopolitismo do pobre – crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p.45-63.
- _____. O homossexual astucioso: Primeiras - e necessariamente apressadas - anotações. In: *O cosmopolitismo do pobre – Crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p.45-63.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Marginalidade: Exclusão e identidade autoral. In: LOPES, Luiz Paulo Moita & BASTOS, Liliana Cabral (Organizadores). *Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 167-179.

SIMON, Iumna Maria. Revelação e desencanto: a poesia de Valdo Motta. *Revista Novos Estudos*, nº 70, 2004.



Página inicial do artigo "O protesto lírico em Waldo Motta", de Ricardo Alves dos Santos.